

Aviso: Este episódio é aconselhado para maiores de dezoito anos, pois falamos de violência sexual e sobre emoções humanas muito viscerais. Se você se sentir desconfortável em algum momento, pare o áudio. Sua saúde mental deve sempre vir em primeiro lugar.

[trilha tranquila se inicia]

O Brasil como conhecemos foi moldado com sangue.

O que antes era Pindorama, a terra das palmeiras, foi nomeada como Brasil, por conta da maneira que foi explorada pela tinta vermelha que gerava. Depois de quase dizimar esta árvore, o Pau Brasil, decidiram que havia chegado a hora de extrair mais vermelho ainda desta terra.

O Descriarte de hoje vai mergulhar na questão indígena no Brasil através da obra de Daiara Tukano, feita para o CURA em 2020. Uma mulher indígena representando seu povo em uma das maiores empenas, que é a parede lateral de um edifício, do festival, em um mundo que se recusa a encarar as feridas do próprio passado.

Enquanto ignoramos nossas feridas, desligamos as notícias sobre as disputas que ocorrem até hoje neste território, estamos, através do silêncio, lavando o sangue das mãos simplesmente por não oferecermos ajuda a estes que são perseguidos.

Os povos indígenas são a linha de frente contra a Indústria da Morte que invade e lava esta terra que chamamos de Brasil. E tal como em um poema do Brecht: [voz fica em segundo plano] *Se não nos importarmos quando outros, que são diferentes de nós, estão sendo levados, será tarde quando ocorrer conosco.* [voz volta a ficar em primeiro plano] A ferida não irá estancar não falando nela. Devemos aprender com os povos indígenas. E eu espero que este episódio seja uma abertura para reflexão de muitos.

[fim da trilha tranquila e trilha de piano se inicia]

Bem-vindes ao Descriarte, o podcast que lhe propõe uma maneira de sentir as artes de forma não-visual. O foco é para pessoas cegas e com baixa visão, mas não vá embora caso seja uma pessoa sem essas características. Permita-se ter um contato diferente com o mundo ao seu redor e ser tocado pela Arte de maneira única. Eu sou Ariel Machado e te guiarei na obra de hoje.

[fim da trilha de piano]

Ailton Krenak: Os senhores não terão como ficar alheios a mais essa agressão movida pelo poder econômico, pela ganância, pela ignorância do que significa ser um povo indígena.

[trilha tranquila se inicia]

Indígena, segundo o dicionário é "relativo à população autóctone de um país, região ou localidade.". Indígenas são grupos que se identificam coletivamente por seus pertencimentos étnicos e culturais e que possuem uma relação profunda com a terra e o território que vivem e onde viveram seus ancestrais, que estavam aqui, no que hoje chamamos de Brasil, desde antes da chegada de Pedro Álvares Cabral. Existem povos indígenas em todos os continentes, com exceção da Antártida.

No Brasil, há mais de trezentos e cinquenta povos e pelo menos duzentas e setenta e quatro línguas, de acordo com o Censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE. [voz fica em segundo plano] Afinal, não tivemos CENSO por conta do COVID e falta de investimento... Porque enquanto não tem dados é mais fácil você dizer que nada aconteceu... Enfim... [voz volta a ficar em primeiro plano] Esses povos estão distribuídos por todas as regiões do país e presentes em todos os estados brasileiros, nos mais diversos contextos: territórios indígenas reconhecidos, aldeias em retomada, zonas rurais e zonas urbanas. E, independente de onde vivam, continuam sendo indígenas, porque o que caracteriza a identidade indígena de uma pessoa são os critérios do povo do qual ela faz parte e cada povo tem autodeterminação e autonomia para estabelecer a forma como é seu pertencimento e reconhecimento.

Então, né, pessoal? Não vão tentar aplicar os mesmos critérios de fenótipo que algumas pessoas aplicam pra outros grupos, assim, não é assim que funciona... Cada grupo tem sua autodeterminação, suas lideranças então, sim, você pode ter uma pessoa que você olhando pensa: [voz fica em segundo plano] "Nossa, uma pessoa negra" [voz volta a ficar em primeiro plano] e ela é indígena e você pode olhar para uma pessoa branca e ela ser indígena, porque

isso é sobre pertencimento, sobre cada grupo, sobre os critérios de herança, de paternidade e maternidade.

Então, assim. não tem nada a ver com o que a gente olha e acha que sabe reconhecer, entendeu? Não existe o: [voz fica em segundo plano] "Ah, mas você nem parece índio" [voz volta a ficar em primeiro plano] E tirem o índio da palavra, pelo amor de Deus... Enfim, mas sabe o estereótipo? Porque a pessoa não tem o cabelo lisinho, cortadinho de um jeito específico, nem a pele de um jeito específico, nem fala de forma específica, o "estereótipo", né? A ideia do índio romantizado, padrão, não existe. E tira a palavra "índio" da boca. A gente já vai falar sobre isso...

A artista Daiara Tukano, na quinta edição do festival CURA de dois mil e vinte, ocorrido em BH, que falamos um pouco no episódio cinco aqui do Descriarte, pintou a obra "Selva Mãe do Rio Menino", de mil e seis metros quadrados, na fachada do edifício Levy. A obra também carrega mais um marco histórico: É a maior obra de arte pública contemporânea indígena do mundo.

[fim da trilha tranquila e um lo-fi relaxante com batidas mais rápidas se inicia]

É uma obra figurativa que representa uma mulher indígena segurando seu filho no colo, apoiando-o do lado esquerdo. Uma linha de janelas passa pelo meio da obra. A mulher tem cabelos azuis e lisos,, que tem um leve degradê de azul mais claro para um azul mais escuro e se estendem da cabeça até o final da empena. A pele da mulher é de um marrom claro. Ela está utilizando uma saia amarela, brincos que são círculos fechados brancos e um colar de linha azul, cujo pingente é um círculo amarelo que repousa entre os seios e possui outros dois círculos azuis perto do pescoço. E esse dois círculos são paralelos. Eles estão na mesma direção nos dois lados do colar.

Ela está desnuda da cintura para cima. Seus olhos são puxados na lateral, e não tem pupilas, sendo todo branco. Suas sobrancelhas são finas em linhas azuis. O nariz é marcado por uma linha vertical azul, maior, inclinada para a direita, representando a ponte do nariz. Uma linha horizontal representando a narina e uma outra linha menor vertical representando a voltinha do nariz, da narina aqui, né?

A boca é marcada apenas pelo lábio superior em azul. Uma boca bem delineada... E ela está com pinturas corporais. Entre os olhos, temos uma linha vermelha que os ligam, e outra linha vermelha passa pelo meio do nariz, ligando um lado ao outro do rosto. Abaixo da linha do nariz, passando pelo pescoço até a metade do ombro, basicamente toda essa área das clavículas, está pintada de vermelho. Temos três linhas azuis contornando essa área e, a partir dessas linhas, temos uma divisão: O lado esquerdo do corpo tem três linhas verticais, seguida de uma faixa vermelha larga que pega todo meio do peito até a barriga e depois mais três linhas verticais, pegando o lado direito.

O braço da mãe, à direita do observador, está flexionado para segurar o seu filho. Ele também possui pinturas do ombro até o pulso. As linhas são onduladas com uns desenhos de um rio e, algumas partes dessas ondas, são totalmente preenchidas de azul, exceto por um círculo no meio, onde vemos a pele marrom clara por baixo. A saia da mãe é amarela, como dissemos, e possui na barra, que segura a saia na cintura, três linhas vermelhas intercaladas com duas linhas brancas. Presa a isso, temos triângulos brancos com contorno vermelho visíveis, pois um deles não está desenhado por conta de uma das janelas... De onde saem seis estolas brancas com linhas azul claro.

Na parte de baixo da saia, vemos algumas plantas... São folhas verde-claras que sobem pela saia, contornadas por um verde mais clarinho. Algumas folhas rosas contornadas por laranja e uns círculos vermelhos, como se fossem frutinhas. E a criança no colo da mãe está com a mão esquerda do observador para cima, dando um “tchauzinho”.

Ele tem cabelo curto e espetado, cujas mechas são direcionadas para a direita. A criança veste uma espécie de faixa branca na cabeça, que possui algumas linhas verticais azuis, sugerindo algum tipo de bordado, ou corda. Ela, como a mãe, tem a mesma pintura facial, porém seu corpo está pintado de azul claro e temos peixes laranjas pintados pela extensão do corpo da criança. Os peixes são espécies de losangos arredondados com um triângulo de cauda. O azul do corpo pega até as extremidades. Temos nos pulsos e tornozelos três linhas azuis mais escuras e, em seguida, as mãos e os pés estão pintados de vermelho. O fundo da pintura é rosa claro.

Temos na parte superior, algumas formas triangulares para baixo, sugerindo um sol amarelo, com algumas linhas em formato de zigzag em laranja. O fundo está cheio de folhas azuis. Vemos do lado direito da mãe um pássaro de asas abertas. O azul remete à cor do jenipapo, que é uma forma de tintura natural e o vermelho ao urucum, outra forma de tintura natural.

[fim do lo-fi relaxante com batidas mais rápidas]

Nesta obra temos uma mãe com o filho no colo. O menino flutua nos braços de sua mãe, cuja saia é como a mata ciliar. O que pensa sobre o significado de mãe-natureza, ouvinte? O que podemos sentir quando pensamos em ser abraçados pelo ar puro, pelo toque das folhas, pelo cheiro das flores, pelo canto dos pássaros? Que música esta mãe nina seu filho para que não tenha pesadelos? Como esta mãe ensina seu filho-rio a correr mesmo com as margens que o comprimem? Uma mãe de um povo originário te remete de alguma forma a história do Brasil?

[trilha dinâmica se inicia]

O mito fundador do Brasil vai dizer que o nascimento dessa nação se deu com uma descoberta e uma primeira Missa. Mas a história do Brasil é antes da invasão dos colonizadores. Alguns autores estimam que a população indígena aqui, antes da chegada, era de sete a onze milhões, com a presença de mais de mil e quatrocentos povos indígenas. Os portugueses chegaram nas praias e só sobreviveram pela ajuda dos indígenas do litoral, que ensinaram as frutas que podiam comer, por exemplo. Os indígenas estavam acostumados a alteridade, a entender o que era do outro e se interessar por isso. Temos evidências tanto arqueológicas, genéticas e linguísticas que demonstram que haviam trocas e relações entre os povos indígenas deste território que chamamos de Brasil e outros povos andinos. Havia cosmogonias complexas, estruturas linguísticas elaboradas, intenso conhecimento da natureza, uma astronomia própria e, inclusive, em alguns grupos havia até estratificação social. Havia arte.

Há pesquisas que relatam que há, no mínimo, dois mil anos, muitos daqueles povos já se entendiam enquanto povos. [voz fica em segundo plano] No mínimo, dois mil anos. [voz volta a ficar em primeiro plano] O europeu, não

acostumado à alteridade, olhou pro indígena e projetou seus medos e sombras. Os europeus, sujos e famintos, que chegaram nas praias e por ajuda não morreram, hoje falam que se tratou de uma conquista. Mas o processo da chegada apenas marcou o começo de uma guerra, que se estende até hoje.

A partir da colonização, vários povos indígenas sucumbiram em conflitos armados, trabalho escravo e, principalmente, das inúmeras epidemias de doenças contagiosas, como: gripe, varíola, sarampo, infecções sexualmente transmissíveis, malária, entre outras. Muitas etnias foram exterminadas.

Além do genocídio, os colonizadores buscavam matar a cultura dos povos indígenas, em processos de catequização forçada e proibição de se falar as línguas nativas e através do estupro de mulheres indígenas por meio do “incentivo ao casamento” com colonos brancos. A gente vê muito bem isso quando a gente vai analisar a genética do povo brasileiro. Pessoal fala que: [voz fica em segundo plano] “Ai, somos todos miscigenados, então tem democracia racial.” [voz volta a ficar em primeiro plano] Não, a gente é miscigenado porque somos frutos de violências constantes e isso é um trauma coletivo, então, assim... Recado, né? Não chega falando pra uma pessoa indígena: [voz fica em segundo plano] “Ah, eu tenho uma bisavó indígena que foi pega no laço” [voz volta a ficar em primeiro plano], porque isso é uma puta violência, assim pra pessoa... Que às vezes ela não tá preparada pra ouvir isso, ela não tá preparada pra reviver esse trauma que é uma história, assim, tão comum, né? Você não é indígena porque tem uma bisavó indígena e, infelizmente, a gente vive nesse contexto, sabe? Então vamos ter um pouquinho de sensibilidade aí. [riso] Saber que quando a gente fala coisas como “pega no laço”, a gente tá romantizando violência sexual.

No início do século XX, se acreditava que os indígenas iriam se “modernizar” e abandonariam suas práticas culturais tradicionais. Durante o período militar, foram assassinados pelo menos oito mil trezentos e cinquenta indígenas. E inúmeras violências cometidas contra os povos originários nesse período: escravidão, campos de concentração, tortura, etc.. Contra o projeto de extermínio, os povos indígenas lutaram e resistiram contra as ofensivas genocidas do Estado brasileiro ao longo dos séculos, batalhando por seus direitos e por suas vidas.

Povos indígenas foram escravizados até o início do século XX durante o ciclo da borracha. Se forjou a extinção de aldeamentos para tomar posse sobre terras indígenas e torná-las disponíveis para a aquisição privada, estimulando a grilagem de terras. A Constituição de mil novecentos e oitenta e oito, chamada de "Constituição Cidadã", respondeu aos apelos desse movimento indígena, que lutou muito e fez parte da constituinte, e reconheceu aos indígenas sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, determinando um prazo de cinco anos para a demarcação das terras indígenas em todo o país... E esse prazo não foi cumprido até hoje... Ainda tem muita terra a ser demarcada, ainda tem muita luta a ser feita e constantemente tentam lançar PEC's ou diminuir o avanço da demarcação de terras, isso em qualquer governo. [voz fica em segundo plano] Principalmente nesse. [voz volta a ficar em primeiro plano]

No mundo, os povos indígenas são a população mais suscetível a cometer suicídio. No Brasil, a taxa de suicídio entre os povos indígenas é seis vezes maior que a taxa nacional. Chega a ser um tema permanente no Fórum de Assuntos Indígenas da ONU, e é entendido como um sintoma do genocídio praticado pelos colonizadores. Como a Daiara fala em um dos seus textos, que vai tá linkado na descrição do episódio, depois vai lá conferir: [voz fica em segundo plano] *"A dor do estupro é uma das motivações mais frequentes para o suicídio das mulheres indígenas"*. [voz volta a ficar em primeiro plano]

Em relatório divulgado pela ONU em dois mil e dez, existe a estatística de que uma em cada três mulheres indígenas, são violentadas ao longo da vida. O Movimento Indígena, segundo a Daiara, está construindo o espaço das mulheres, mas é preciso que nós, não indígenas, entendamos que cada povo se organiza de acordo com a sua própria experiência e que, nós de fora, não podemos chegar e querer espelhar essas formas de organização e ideias de gênero das nossas... Que muitas vezes advém de um feminismo branco e advindo da experiência colonizadora.

Então, assim, não vamos reproduzir esse discurso de: [voz fica em segundo plano] "Ai, vocês tem que ser assim e vocês tem que ser assado", [voz volta a ficar em primeiro plano] não, eles tem que se organizar da forma que é coerente para cada povo.

[voz fica em segundo plano] É claro que vão ter indígenas que vão se denominar feministas, mas isso não é uma regra e não é a gente que tem que chegar e falar assim, beleza? Beleza... [voz volta a ficar em primeiro plano]

A depressão entre adolescentes se tornou pandêmica e, neste contexto, a discriminação é um agravante para os jovens indígenas que carregam meio que a “missão” de sobreviver ao genocídio, mesmo que a todo momento neguem as dores, as histórias, as capacidades, as suas belezas... Porque o mundo eurocêntrico considera que tudo o que eles produzem não é o certo, e isso reflete bullying na escola e a exclusão nas universidades. Ainda por cima, existe a realidade dos incêndios, tiroteios, ameaças e assassinatos de entes queridos. Para citar um exemplo, o povo Kanamari, na Amazônia, em dois mil e dezenove já relatava estar em um “luto permanente”. Por possuírem ritos específicos acerca do período do luto, não conseguiam desde aquela época retomar a vida cotidiana, pois constantemente havia uma partida. Isso piorou muito na Pandemia de Covid-19.

Desde sempre, doenças foram usadas como armas biológicas contra povos indígenas, que, por não terem imunidade às doenças trazidas pelos brancos, morriam aos montes. Com a pandemia de Covid não foi diferente... E, rapidamente, as aldeias fecharam-se para que a doença não se alastrasse. Mas muitos anciões faleceram da doença. Você pode saber mais o que os povos indígenas enfrentaram durante a pandemia pelo Boletim Povos Indígenas e Covid-19, publicado por: @karibuxi e @munihin_ no Twitter. O link vai estar na descrição. E, assim, pessoal, se vocês puderem, procurem como fazer doações para as aldeias, porque elas não têm como fazer boa parte da sua subsistência, não têm como ir para as cidades, então é interessante fazer esse tipo de doação, ajudar de alguma forma. Não ir, pelo amor de Deus, né? Não vai espalhar coronavírus, mas, tipo, entra em contato, pergunta o que tá precisando, faz um, sei lá, uma compra, não sei. Enfim, conversem com as pessoas e tentem ajudar a todo mundo sobreviver no Coronavírus, porque, né? O Estado não está fazendo nada por nós.

Bom, no final do episódio, dá uma olhada na descrição do podcast. Lá você vai encontrar os materiais indicados para saber mais, especialmente sobre a história, né? Que eu abarquei bem pouquinho. Mas já podemos observar então que mais de quinhentos anos de exploração, violência e

genocídio das etnias indígenas deixaram marcas profundas que marginalizam até hoje esses povos. É uma dívida histórica que a gente tem que arranjar uma forma de ser resolvida isso.

[fim da trilha dinâmica]

Ailton Krenak: Tem um jeito de viver, tem condições fundamentais para sua existência e para manifestação da sua tradição, da sua vida, da sua cultura que não colocam em risco e nunca colocaram a existência sequer dos animais que vivem ao redor das áreas indígenas, quanto mais de outros seres humanos.

[trilha tranquila se inicia]

Os povos indígenas têm sua autonomia reconhecida pelo Estado brasileiro somente em mil novecentos e oitenta e oito e, mesmo assim, continuam sofrendo com o apagamento de suas identidades e com a perda de seus territórios. As representações de indígenas em livros infantis e na cultura pop constantemente caem nesses estereótipos, o que gera um desconhecimento e preconceito que serão carregados na fase adulta. Somente no primeiro trimestre de dois mil e dezenove notícias de invasão a terras indígenas se tornaram frequentes, e isso não parou com a pandemia. Muito pelo contrário...

[batidas mais rápidas passam a integrar a trilha]

Daiara Hori, nome tradicional Duhigô, pertence ao povo Yepá Mahsã, mais conhecido como Tukano. O povo Tukano é do estado do Amazonas, da região do Alto do Rio Negro, mas ela nasceu em São Paulo, numa família de lideranças indígenas com forte atuação no momento de redemocratização do país. Atualmente mora em Brasília, onde é correspondente da Rádio Yandê, a primeira web rádio indígena do Brasil. Seu trabalho artístico fundamenta-se na pesquisa sobre a história, a cultura e a espiritualidade do seu povo. É formada em artes plásticas pela Universidade de Brasília, sendo também Mestre em Direitos Humanos. Sua pesquisa é feita com base nos desenhos tradicionais de seu povo, que se encontram em objetos sagrados e cotidianos e também nas mirações das medicinas sagradas.

Uma das características que notamos na obra dela é a simetria, onde ambos lados têm proporção parecida. A simetria existe no nosso corpo... A simetria seria quando você, por exemplo, divide uma folha de papel ao meio e corta a metade de um coração de um lado e o outro fica igual, por exemplo. A simetria existe quando você olha uma árvore perto de um rio e o rio reflete exatamente como tá do outro lado.

A Daiara Tukano é pesquisadora de decolonialidade, que questiona as estruturas do pensamento colonial em que nós ainda nos encontramos até hoje, que faz com que as principais referências das populações de países latino-americanos, por exemplo, continuem estando do outro lado do oceano. Essa visão de mundo colocou os europeus como referências de beleza, conhecimento, ciência e etc.. E, segundo a Daiara Tukano, há uma apropriação da ciência indígena pela indústria farmacêutica e das simbologias pela indústria da moda, que não dão qualquer retorno às comunidades das quais retiraram aquelas ideias. Daiara é professora e relata sua experiência com o assombro das pessoas ao terem uma professora indígena na escola. [voz fica em segundo plano] As escolas costumam celebrar o "Dia do Índio"... Assim, ao invés de falar "Dia da Resistência Indígena" como eles já pediram pra ser falado há tempo... Com música da Xuxa, cocar de E.V.A ou de cartolina, "pintura de índio" que é, né: tinta guache e coreografias que parecem reproduções de desenhos animados antigos. E isso tudo é o que chamamos de "red face", que é se caracterizar como indígena num quesito de brincadeira ou sátira, similar ao que os brancos faziam nos shows de Minstrel, onde se pintavam de pessoas negras. [voz volta a ficar em primeiro plano]

O texto completo onde ela faz esse relato também vai estar na descrição e é de grande ajuda para aqueles que querem entender como o racismo se manifesta de formas similares, porém diferentes para cada grupo e o papel da educação no processo de combate desses preconceitos.

Desde dois mil e oito a lei 11.645 faz com que o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas seja obrigatório. Apesar disso, ainda há uma grande resistência e despreparo das instituições de ensino ao cumprimento da lei. Por isso, caso você seja professor, você pode consultar o material preparado para o Abril Indígena no link na Descrição. É um material

feito com maioria indígena para todos usarem e divulgarem e talvez ajude você que é educador a direcionar suas aulas.

[fim da trilha]

Ailton Krenak: [...] que saiba respeitar um povo que sempre viveu à revelia de todas as riquezas. Um povo que habita casas cobertas de palha, que dorme em esteiras no chão não deve ser identificado de jeito nenhum como um povo que é inimigo dos interesses do Brasil, inimigo dos interesses da nação e que coloca em risco qualquer desenvolvimento. O povo indígena tem regado com sangue cada hectare dos oito milhões dos quilômetros quadrados do Brasil. Os senhores são testemunhas disso.

Ariel Machado: Citando o festival CURA em seu post: [voz fica em segundo plano] “No ano em que o país bateu recorde de queimadas, não por acaso na Avenida Amazonas, nasce a imagem do menino Rio, filho das matas. Daiara partilha conosco do ensinamento dos povos originários, guardiães da floresta: só há água porque há floresta.” [voz volta a ficar em primeiro plano] Na selva cinza a arte de Daiara e outros artistas indígenas são como flores que sobrevivem ao asfalto.

[trilha dinâmica se inicia]

A arte indígena está no momento de ganhar cada vez mais visibilidade, então é importante falar sobre isso. Aqui no podcast temos a intenção de trazer diversos artistas com o tempo, mas você já pode ir lá no Instagram, @descriartepod e conferir nos destaques a lista que fizemos com alguns artistas indígenas. E também abrir sua mente e saber que, às vezes, o que a gente chama de "artesanato", como uma forma de diferenciar de arte, também é arte indígena, então vamos atrás...

Bom, durante a pandemia perderam mestres e anciãos... E, com eles, um pouco dos conhecimentos dos desenhos tradicionais. Se costuma dizer que quando morre um ancião, morre uma biblioteca com ele, pois todo aquele conhecimento vai embora e a forma de tecer, a forma de tratar o barro, são conhecimentos importantes, passados oralmente. O nome das coisas, a forma

de respeitá-las... Na nossa forma cidadina de ver, a gente não entende como as coisas que produzimos podem não retornar pra natureza. Enquanto designer, costumo dizer que lixo é um problema de mau designer, porque a natureza produz “embalagens” que retornam pra ela. Os cestos produzidos pelos indígenas não são como o plástico que polui, porque ele retorna para a terra.

Os povos indígenas estão na linha de frente defendendo a terra, água, a diversidade e vida digna para todos. Citando a Daiara, é essencial que haja o desinvestimento da indústria da morte, pois uma vida saudável é a real riqueza. Precisamos reflorestar, garantindo a biodiversidade. Segundo a Daiara: [voz fica em segundo plano] *“Os indígenas entendem que a terra, a água e o ar são sagrados, e que precisamos ter uma sinergia com a natureza”*. [voz volta a ficar em primeiro plano]

No dia quinze de abril de dois mil e vinte um, o ministro Ricardo Salles mudou as regras de multas ambientais e agora as infrações terão que passar por autorização de um superior do agente de fiscalização que aplica a punição. Basicamente, o agente se torna um garoto de recados e não tem mais autonomia. É uma burocratização que retira a autonomia dos agentes e, na prática, beneficia infratores. Uma explicação detalhada do absurdo dessa nova Instrução Normativa estará na descrição do episódio. E sim, Ricardo Salles o mesmo ministro que falou:

Ricardo Salles: O meio ambiente é o mais difícil de passar qualquer mudança infralegal em termos de instrução normativa e portaria, porque tudo o que a gente faz é pau no judiciário, no dia seguinte. Então, pra isso, precisa ter um esforço nosso aqui, enquanto estamos neste momento de tranquilidade no aspecto de cobertura de imprensa, porque só fala de Covid e ir passando a boiada, mudando todo o regramento”.

Ariel Machado: E é basicamente o que ele está fazendo: num dos momentos mais sensíveis da pandemia, ele está abrindo caminho [se aproxima e fala mais perto do microfone com voz irônica] para passar a boiada... Para o agronegócio... Que não é pop, não é tec, mas mata... Muito

Não foi uma particularidade desse governo tomar medidas que, em nome de um suposto desenvolvimento, não viram que vidas indígenas e que o

impacto ambiental e a destruição do modo de vida dos povos que vivem naquele local, valiam muito mais. O capital ele não sabe olhar pra natureza que não seja pensando em “como que eu vou explorar isso aí”. E quando a gente pensa que isso se baseia apenas em ações individuais é um problema, porque o capital se adapta... [cantando] O capital se adapta.

[voz fica em segundo plano] "Ah, então vocês querem coisa ecológica agora? Beleza, beleza... Vamos fazer coisinhas ecológicas pra vender pra você". [voz volta a ficar em primeiro plano]

Então, assim, não é uma questão individual... A galera fala: [voz fica em segundo plano] “Ah, não existe consumo ético no meio do capitalismo”. [voz volta a ficar em primeiro plano] Não existe, mas agora você também vai se isentar de fazer um consumo reflexivo do que você vai comprar, de pra quem você tá dando seu dinheiro? Também não, né? Também não... Espero... Então, assim, enquanto a gente não acaba com o sistema, a gente pode fazer escolhas mais éticas e mais racionais. Não só comprar a primeira marca que vê pela frente ou a marca bonitinha da propaganda sem pensar em todas as coisas que tã em volta daquilo ali.

O aquecimento global está ocorrendo e o desastre ambiental está em curso agora... Eu vou deixar você respirar e sentir essa informação: O mundo tá acabando. O desastre ambiental, o colapso ambiental, a bagunça dos ciclos da natureza estão levando a destruição possivelmente não do planeta em si, mas à destruição das condições de vida necessárias para nossa existência.

Os negacionistas, eles gostam de usar a experiência sensível, e dizem assim: [voz fica em segundo plano] “Ah, mas tá fazendo frio no Rio de Janeiro” [voz volta a ficar em primeiro plano] porque um dia fez frio e tudo o mais... E todo mundo que conhece um carioca sabe que significa que tá fazendo uns vinte graus... Bateu vinte graus o carioca já tá de casaco na rua. Então assim, experiência sensível não é bom critério... E a nossa memória é muito ruim, então a gente não lembra de verdade que antes tava mais frio, quando tava inverno... A gente não lembra de verdade que o calor não era tão, tão calor assim.

Se você conversar com uma pessoa que trabalha na agricultura, ela vai te dizer que as coisas tã diferentes, que planta tá nascendo no momento errado, então, assim, vamos expandir essa experiência citadina. [risos] Mas a

gente tá falando de ciência aqui e do derretimento das calotas polares, de gente rica fazendo muito dinheiro com o aquecimento global, como seguradoras, empresas de turismo e de dessalinização da água... Alguns exemplos disso vão estar no vídeo do Meteoro Brasil, que vai tá na descrição também.

Todo grande ciclo econômico no Brasil foi feito com base na morte de indígenas. O chamado desenvolvimento nacional foi feito com base no genocídio de indígenas. A gente acha que problemas ambientais vem depois dos problemas sociais, mas não existe sociedade sem meio-ambiente. As pessoas acham que isso é um problema pro futuro, mas não... Tá acontecendo hoje. São os mais pobres que vão sofrer com o aquecimento global, pois tão sofrendo hoje quando tem furacão muito absurdo, que dura muito mais tempo e é muito mais devastador... Ficando sem suas casas, tem um surto de cólera... São os mais pobres. A pequena agricultura, a agricultura familiar, que é responsável por 70% dos alimentos consumidos no Brasil, é a que mais sofre com os impactos da mudança climática.

As pessoas sempre transformaram a natureza com seu trabalho, mas o extrativismo industrial, ao contrário do tradicional, pegou essa característica, de transformar a natureza, e elevou a décima potência, tirando a ideia de sinergia entre seres humanos e meio ambiente. O desmatamento, o plástico acumulado, isso tudo se chama ecocídio. Linkei na descrição um vídeo da Sabrina Fernandes definindo melhor essa questão do ecocídio.

A questão é: nosso modelo produtivo prioriza latifúndio e concentração de terra.... Através da defesa da demarcação de terra para os povos indígenas, podemos garantir a proteção de terra, proteção ambiental e a manutenção do modo de vida originário desses povos. Os territórios indígenas são os mais preservados, pois eles entendem que o modo de vida deles não pode atrapalhar o equilíbrio do planeta e, o nosso modo de vida, com base na acumulação e o consumo, tem tornado a existência humana inviável. O objetivo de flexibilizar as leis ambientais é atingir os povos indígenas, facilitar a invasão e a grilagem de terras, facilitar a exploração desses locais para garimpo e madeireiras, além da pecuária e latifúndio de grandes empresários e políticos.

[fim da trilha dinâmica e trilha relaxante inicia]

A cada quatorze dias, morre uma língua. Este é um dado divulgado em dois mil e dezesseis pelo El País, quando foi assassinada, em novembro daquele ano, Rosa Andrade, a última mulher falante de "resígaro", uma das quarenta e três línguas indígenas da Amazônia. De lá para cá, pouca coisa mudou para os povos que resistem à colonização: o projeto genocida anda em curso, acelerado pelos ares do Covid-19 que dois mil e vinte nos trouxe, mas fomentado e fortalecido pelo fascismo.

O fascismo, em suma, prega pelo povo: um povo branco, militar e obtuso. O fascismo fala a mesma língua, seja em alemão, italiano ou português, e pretende extinguir em todos idiomas as palavras "igualdade", "respeito" ou "individualidade". Em nome de uma raça ancestral, insira aqui a "suposta" branca de sua preferência, e suas inúmeras conquistas por meio do patriarcado e do capitalismo, a serpente do fascismo se esgueira entre os sapatos Louboutin de magnatas industriais... Põe seus ovos entre a soja que cresce nos latifúndios roubados de povos originários e sibila a risada esfumaçada de charutos cubanos entre a high society que aceita algo vindo de um país socialista só porque é chique. De manchete em manchete, controlada pelos grandes grupos de famílias que estão no poder há muito, muito tempo, o fascismo vai entrando na mente das pessoas. Nós o aceitamos como mais uma voz, defendemos a liberdade dele de se expressar livremente, ignorando que as serpentes põem ovos em nossos galinheiros e que, quando chocarem, serão nossos gritos que serão sufocados por elas.

Não podemos falar de forma romântica como se expressões como "Índia pega no laço" não escondessem o horror da violência sexual e do casamento forçado. Todos temos sangue indígena, seja nas veias ou nas mãos e, em alguns casos, nos dois... Mas isso não torna o racismo inexistente, onde podemos evocar essa ancestralidade apenas quando nos é questionado o privilégio branco. Não existe democracia racial e, nesta guerra que está sendo travada, é responsabilidade de nós, não indígenas, enquanto dívida histórica, enquanto humanidade, refletir e ouvir o que esses povos estão falando há muito tempo.

Não é sobre dar voz, eles já têm voz, é sobre usar nossos espaços, falar dessa questão, trazer essa questão... A importância da questão indígena, a

importância da preservação ambiental, a importância da demarcação [enfática] já de terras. O Abril Indígena serve pra gente refletir sobre essas questões e também auxiliar de alguma forma, com doações, compartilhando, ouvindo, apoiando e fortalecendo o movimento, se for possível... Dando suporte. Sempre colocando os indígenas como protagonistas, obviamente. Dando suporte, falando sobre, sendo um aliado, de fato, na luta.

Citando Daiara: [voz fica em segundo plano] *A gente não pode esquecer que a gente compartilha o mesmo planeta.* [voz volta a ficar em primeiro plano] Estamos na mesma canoa.

O Descriarte tem voz e roteiro de Ariel Machado com trilha sonora e edição por Liz Oitobit. Caso queira acompanhar as novidades do programa, siga o Descriarte nas redes sociais. Todos os arrobas são: [descriartepod](#).

ERROS DE GRAVAÇÃO

Vamos lá, gravação, bonitinha. Acordei atrasada, acordei no susto falando “meu Deus, o Descriarte” e aí foi isso. Os pássaros já começaram a cantar, mas tudo bem, pois é um episódio sobre natureza. Vamos aceitar a realidade material como ela é.

Hummpf... Aceitar não... Vamos entender para modificar, pa. Mentira, não quero modificar os pássaros. Tadinhos, já têm que se alimentar numa cidade... Que foda... [suspiro] Vamos lá [cantos de pássaros] É, eles ainda vão cantar bastante. Não sei se pega, não sei se pega aí... Vamo lá.

Uma das maiores empenas [cantos de pássaros]... Eles começaram mesmo. Pontualmente, às cinco horas da manhã.

Pássaros, Pássaros, Pássaros... Em frente à minha casa tem uma árvore linda, aí eles ficam tudo al...

Enfim... [cantos de pássaros] Gente, eu respiro e eles cantam, [risos] me sinto a Branca de Neve, sabe? Tipo....

Meu gato começou a cantar.

Huum, eu to sentindo a minha dicção meio ruim.
[sons com a boca] prrrrrrrrr. pru. prrrrrrrrruuuu. miiii. parararárarara. Psiu, psiu. tchuru

AaAaAaaah [canto da Branca de Neve]

pigarro, nossa, *pigarro*, *pigarro*, *pigarro*, *pigarro*, é, vamo lá *pigarro*, *pigarro*, *pigarro*

O rico pega o helicóptero depois, o rico tem banker, o rico vaza, o rico dá seu jeito.

Pode pegar essa parte do rico depois porque eu fiquei pensando no helicóptero [risos] ele voando puxando sozinho o furacão... [risos] Ai, desculpa, desculpa gente, it's the rich [risos] voltando...

REFERÊNCIAS:

AS ÁRVORES SOMOS NOZES 13: Sem povos indígenas, sem floresta em pé. Entrevistador: Rafael Silva. Entrevistadas: Adriana Ramos, Alessandra Munduruku, Sônia Guajajara, 19 abr 2019. Podcast. Disponível em: Acesso em: 04/07/2019

SIMM, V.; BONIN, I. T. Imagens da vida indígena: uma análise de ilustrações em livros de literatura infantil contemporânea. Revista Historiador. Nº 4. Ano 4. Dez, 2011. Disponível em: Acesso: 14 dez 2018.

Curso online | O corpo indígena nas 'cenas' Orientadora: Naine Terena de Jesus. Participante: Libério Uiagumeareu Inscrições: 7 a 24 de maio de 2020 Período do curso: 29/05 a 05/06, das 18h às 21h Local: Plataforma Moodle e videoconferência

RODRIGUES C. As populações indígenas e o Estado Nacional pós-ditadura militar, História Unisinos 9(3):240-245, Setembro/Dezembro 2005 RODRIGUES D.; RODER F.; OLIVEIRA L.; MENDONÇA S. "Política de Saúde Indígena no Brasil" 2017 disponível em: Acesso 04/07/2019

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Preventing suicide: a global imperative [Internet] 2014, Disponível em: Acesso em: 5 de jun 2019

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Depression and Other Common Mental Disorders Global Health Estimates [Internet] 2017, Disponível em: Acesso em: 5 de jun 2019

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Maternal and child mental health [Internet] 2019, Disponível em: Acesso em: 5 de jun 2019

HEMMING, J. Ouro vermelho: A conquista dos índios brasileiros. São Paulo: EDUSP, 2007. IBGE. Censo 2010. [S.l.: s.n.], [2010]. HUGH-JONES, S.; CABALZAR, A. Povo Tujano. 2018. Disponível em Acesso em 08 nov 2019)

<http://www.revistause.com.br/daiara-tukano-e-o-primeiro-nome-indigena-a-esta-mpar-sua-arte-em-empena-gigante/>

<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/575069-daiara-tukano-militante-indigena-ndios-nao-sao-coisa-do-passado>

Citados no episódio:

Ailton Krenak na Constituinte de 1987:

https://www.youtube.com/watch?v=kWMHiwdbM_Q

Texto de Daiara sobre sua experiência enquanto educadora e indígena:

https://radioyande.com/default.php?pagina=blog.php&site_id=975&pagina_id=21862&tipo=post&post_id=683

Material para trabalhar o Abril Indígena, desenvolvido por Diana Sales, Jé Hãmägay, Juliana Gomes, Karibuxi, Laís dos Santos, Samuel Luz e Keilla Vila Flor disponível em: https://drive.google.com/drive/folders/1_pUzoCdPRWQMa_QSKtcaX_Eocv ahNeA4

Fio do twitter explicando a Instrução Normativa Nº 01/2021
<https://twitter.com/fiscaldoibama/status/1382835078930268163>

Vídeo da Sabrina Fernandes sobre Ecocídio:
<https://youtu.be/4nil0mF85ek>

Boletim Povos Indígenas e a Covid-19
https://twitter.com/munihin_/status/1261663881522544641

Vídeo do Meteoro Brasil:
<https://www.youtube.com/watch?v=OEErPDg5KNs>

Entrevistas e lives com Daiara Tukano:

<https://www.youtube.com/watch?v=9e9J-VfracU>

<https://www.youtube.com/watch?v=BRR5a32NVIU>

<https://www.youtube.com/watch?v=OIYRWwlAaX8>

<https://www.youtube.com/watch?v=5G9TbDh0iOM>

<https://www.youtube.com/watch?v=gTak-hHqGEI>

https://www.youtube.com/watch?v=SLuSNNv82_s

#ABRILINDIGENALIVE 03/04 - Arte Indígena Contemporânea Transmitido ao vivo em 3 de abr. de 2021 <https://www.youtube.com/watch?v=lvUYxNr1BdA&t=2s>

Links para vídeos, textos entrevistas e lives complementares:

O Truque Colonial que Produz, o Pardo, o Mestiço e outras categorias de Pobreza

11 de abr. de 2021 <https://www.youtube.com/watch?v=dvijiNR9Nbgo>

<https://www.daiaratukano.com/post/blogujte-ze-sv%C3%A9ho-zve%C5%99ejn%C4%9Bn%C3%A9ho-webu-a-z-mobilu>

<https://opodcastelas.com.br/2021/04/dicionario-feminista-68-enciclopedia-14-mulheres-indigenas/>

Recomendações

Guerra no Brasil.doc (Netflix)

Rádio Yandê

Livraria Maracá

Site sobre povos indígenas:

https://pib.socioambiental.org/pt/P%C3%A1gina_principal

@descriartepod o destaque “artistas indígenas”

Podcast Leitura Obrigatória sobre Indígenas no Brasil: <https://leituraobrigahistoria.com/2021/04/19/indigenas-no-brasil-uma-historia-de-violencias-e-resistencia/>

Sobre Aquecimento Global:

<http://racismoambiental.net.br/>

<http://oquevocefariasesoubesse.blogspot.com/>